

# Poemas de António Gedeão

### **Poema da Morte na Estrada**

Na berma da estrada, nuns quinhentos metros,  
estão quinhentos mortos com os olhos abertos.

A morte, num sopro, colheu-os aos molhos.  
Nem tiveram tempo para fechar os olhos.

Eles bem sabiam dos bancos da escola  
como os homens dignos sucumbem na guerra.  
Lá saber, sabiam.  
A mão firme empunhando a espada ou a pistola,  
morrendo sem ceder nem um palmo de terra.

Pois é.  
Mas veio de lá a bomba, fulgurante como mil sóis,  
não lhes deu tempo para serem heróis.

Eles bem sabiam que o último pensamento  
devia estar reservado para a pátria amada.  
Lá saber, sabiam.  
Mas veio de lá a bomba e destruiu tudo num só momento.  
Não lhes deu tempo para pensar em nada.

Agora,  
na berma da estrada, nuns quinhentos metros,  
são quinhentos mortos com os olhos abertos.

### **Poema da Terra Adubada**

Por detrás das árvores não se escondem faunos, não.  
Por detrás das árvores escondem-se os soldados  
com granadas de mão.

As árvores são belas com os troncos dourados.  
São boas e largas para esconder soldados.

Não é o vento que rumoreja nas folhas,  
não é o vento, não.  
São os corpos dos soldados rastejando no chão.

O brilho súbito não é do limbo das folhas verdes reluzentes.  
É das lâminas das facas que os soldados apertam entre os dentes.

As rubras flores vermelhas não são papoilas, não.  
É o sangue dos soldados que está vertido no chão.

Não são vespas, nem besoiros, nem pássaros a assobiar.  
São os silvos das balas cortando a espessura do ar.

Depois os lavradores  
rasgarão a terra com a lâmina aguda dos arados,  
e a terra dará vinho e pão e flores  
adubada com os corpos dos soldados.

Vieram os operários,  
puseram o poste de ferro na berma do passeio  
e foram-se para voltar noutro dia.  
O poste tinha sido pintado há pouco de verde,  
e quando lhe batia o sol,  
rutilava como as escamas dos dragões.  
Mesmo junto ao poste, no passeio,  
havia uma árvore que dava flores amarelas  
e o vento,  
fez cair algumas flores amarelas sobre o poste verde.  
As pessoas que por ali passavam diziam “que chatice de poste”,  
mas o poeta sorria para as flores amarelas.

### **Fala do Homem Nascido**

(Chega à boca da cena, e diz:)

Venho da terra assombrada,  
do ventre de minha mãe;  
não pretendo roubar nada  
nem fazer mal a ninguém.

Só quero o que me é devido  
por me trazerem aqui,  
que eu nem sequer fui ouvido  
no acto de que nasci.

Trago boca para comer  
e olhos para desejar.  
Com licença, quero passar,  
tenho pressa de viver.  
Com licença! Com licença!  
Que a vida é água a correr.  
Venho do fundo do tempo;  
não tenho tempo a perder.

Minha barca aparelhada  
solta o pano rumo ao norte;  
meu desejo é passaporte  
para a fronteira fechada.  
Não há ventos que não prestem  
nem marés que não convenham,  
nem forças que me molestem,  
correntes que me detenham.

Quero eu e a Natureza,  
que a Natureza sou eu,  
e as forças da Natureza  
nunca ninguém as venceu.

Com licença! Com licença!  
Que a barca se fez ao mar.  
Não há poder que me vença.  
Mesmo morto hei-de passar.  
Com licença! Com licença!  
Com rumo à estrela polar.

## Poema de me chamar António

Hoje, ao nascer do sol, de manhãzinha,  
ouvi cantar um galo no quintal  
quando eu tinha seis anos e fui passar as férias do Natal  
com a minha madrinha.

Na cama improvisada no corredor  
sabiamente fingia que dormia  
muito embrulhado num cobertor,  
enquanto numa luz melada e quase fria,  
o mundo, sabiamente,  
fingia que nascia.

E então apeteceu-me também nascer,  
nascer por mim, por minha expressa vontade,  
sem pai nem mãe,  
sem preparação de amor,  
sem beijos nem carícias de ninguém,  
só, só e só por minha livre vontade.

Dobrado em círculo no ventre do meu cobertor,  
enrugado como um feto à espera da liberdade  
(viva a liberdade!)  
cerrava e descerrava as pálpebras, sabiamente,  
como se as não movesse,  
como se não sentisse nem soubesse,  
abrindo-as numa fenda dissimulada e estreita,  
insensível às coisas quotidianas,  
mas hábil para aquela alvorada puríssima e escorreita  
que me inundava o sangue através das pestanas.  
Fremiam-se-me as pálpebras sacudindo na luz um pó de borboletas,  
um explodir de missangas furta-cores,  
bacilos e vapores,  
rendas brancas e pretas.

Cada vez mais feto, mais redondo, mais bicho-de-conta,  
mais balão, mais planeta, bola pronta  
a meter-se no forno,  
mais eterno retorno,  
mais sem fim nem princípio, sem ponta nem aresta,  
excremento de escaravelho aberto numa fresta.

Foi então que o tal galo cantou.  
Looooooooonge...  
Muito loooooooooonge...  
no quintal da vizinha,  
lá para o fim do mundo mesmo ao lado da casa da minha madrinha.  
Era uma voz redonda, débil, inexperiente,  
bruxuleante como a chama  
que está mesmo a apagar-se e esperta de repente  
e novamente morre e de novo se inflama.  
Uma voz sub-reptícia, anódina, irresponsável,  
fugaz e insinuante,  
um canto sem contornos, aéreo, imponderável.

Tudo isso e muito mais, mas principalmente distante.

Foi assim que a voz do galo na capoeira  
do quintal da vizinha  
que tinha plantado ao centro uma nespereira  
mesmo junto da casa da minha madrinha,  
penetrou no ventre macio do meu cobertor.  
Era uma frente de onda, compacta e envolvente,  
pura já na garganta e agora mais que pura,  
filtrada  
e destilada  
nos poros ávidos da minha cobertura.  
Chegou e fulminou o meu ser indigente,  
exposto e carecido,  
naquele gesto mole e distraído  
do Deus onnipotente  
da Capela Sistina  
quando ergue a mão terrível e fulmina  
o coração  
de Adão.

E pronto. Eis-me nascido. Cheio de sede e fome.

António é o meu nome.

## **Dia de Natal**

Hoje é dia de ser bom.  
É dia de passar a mão pelo rosto das crianças,  
de falar e de ouvir com mavioso tom,  
de abraçar toda a gente e de oferecer lembranças.  
É dia de pensar nos outros – coitadinhos – nos que padecem,  
de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a sua miséria,  
de perdoar aos nossos inimigos, mesmo aos que não merecem,  
de meditar sobre a nossa existência, tão efémera e tão séria.

Comove tanta fraternidade universal.  
É só abrir o rádio e logo um coro de anjos,  
como se de anjos fosse,  
numa toada doce,  
de violas e banjos,  
entoa gravemente um hino ao Criador.  
E mal se extinguem os clamores plangentes,  
a voz do locutor  
anuncia o melhor dos detergentes.

De novo a melopeia inunda a Terra e o Céu  
e as vozes crescem num fervor patético.  
(Vossa excelência verificou a hora exacta em que o Menino Jesus nasceu?)  
Não seja estúpido! Compre imediatamente um relógio de pulso antimagnético.)  
Torna-se difícil caminhar nas preciosas ruas.  
Toda a gente acotovela, se multiplica em gestos esfuziante,  
Todos participam nas alegrias dos outros como se fossem suas

e fazem adeuses enlavados aos bons amigos que passam mais distante.

Nas lojas, na luxúria das montras e dos escaparates,  
com subtis requintes de bom gosto e de engenhosa dinâmica,  
cintilam, sob o intenso fluxo de milhares de quilovates,  
as belas coisas inúteis de plástico, de metal, de vidro e de cerâmica.

Os olhos acorrem, num alvoroço liquefeito,  
ao chamamento voluptuoso dos brilhos e das cores.  
E como se tudo aquilo nos dissesse directamente respeito,  
como se o Céu olhasse para nós e nos cobrisse de bênçãos e favores.

A oratória de Bach embruxa a atmosfera do arruamento.  
Adivinha-se uma roupagem diáfana a desembrulhar-se no ar.  
E a gente, mesmo sem querer, entra no estabelecimento  
e compra – louvado seja o Senhor! – o que nunca tinha pensado comprar.

Mas a maior felicidade é a da gente pequena.  
Naquela véspera santa  
a sua comoção é tanta, tanta, tanta,  
que nem dorme serena.  
Cada menino abre um olhinho  
na noite incerta  
para ver se a aurora já está desperta.  
De manhãzinha  
salta da cama,  
corre à cozinha em pijama.

Ah!!!!!!!

Na branda macieza  
da matutina luz  
aguarda-o a surpresa  
do Menino Jesus.

Jesus,  
o doce Jesus,  
o mesmo que nasceu na manjedoura,  
veio pôr no sapatinho  
do Pedrinho  
uma metralhadora.

Que alegria  
reinou naquela casa em todo o santo dia!  
O Pedrinho, estrategicamente escondido atrás das portas,  
fuzilava tudo com devastadoras rajadas  
e obrigava as criadas  
a caírem no chão como se fossem mortas:  
tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá.  
Já está!  
E fazia-as erguer para de novo matá-las.  
E até mesmo a mamã e o sisudo papá  
fingiam  
que caíam  
crivados de balas.

Dia de Confraternização Universal,  
dia de Amor, de Paz, de Felicidade,  
de Sonhos e Venturas.  
É dia de Natal.  
Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.  
Glória a Deus nas Alturas.

### **Poema do alegre desespero**

Compreende-se que lá para o ano três mil e tal  
ninguém se lembre de um certo Fernão Barbudo  
que plantava couves em Oliveira do Hospital,

ou da minha virtuosa tia-avó Maria das Dores  
que tirou um retrato toda vestida de veludos  
sentada num canapé junto de um vaso com flores.

E até mesmo que já ninguém se lembre que houve três impérios no Egito  
(o Alto Império, o Médio Império e o Baixo Império)  
com muitos faraós, todos a caminharem de lado e a fazerem tudo de perfil,  
e o Estrabão, o Artaxerxes, e o Xenofonte, e o Heráclito,  
e o desfiladeiro das Termópilas, e a mulher do Péricles, e a retirada dos dez mil,  
e os reis de barbas encaracoladas que eram senhores de muitas terras,  
que conquistavam o Lácio e perdiam o Épiro, e conquistavam o Épiro e perdiam o  
Lácio,

e passavam a vida inteira a fazer guerras,  
e quando batiam com o pé no chão faziam tremer todo o palácio,  
e o resto tudo por aí fora,  
e a Guerra dos Cem Anos,  
e a Invencível Armada,  
e as campanhas de Napoleão,  
e a bomba de hidrogénio,  
e os poemas de António Gedeão.

Compreende-se.

Mais império menos império,  
mais faraó menos faraó,  
será tudo um vastíssimo cemitério,  
cacos, cinzas e pó.

Compreende-se.

Lá para o ano três mil e tal.

E o nosso sofrimento para que serviu afinal?

## PEDRA FILOSOFAL

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos  
que em verde e oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho álaçre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que fossa através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,

máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa-dos-ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é Cabo da Boa Esperança,  
ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, passo de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão do átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.

\*\*\*

## POEMA DO AMOR FÓSSIL

Quem de nós falará aos homens que hão-de vir  
quando o grande clarão encher de luz  
e pasmo as nossas bocas?  
E como?

Que língua entenderão eles?  
Que símbolos, que sinais, que apagados  
[murmúrios,

lhes falarão de nós,  
desta fluida e versátil multidão,  
destes seres que aparentam rosto humano  
e como tal comovem,  
mas que olhados do alto são lepra do planeta.  
Que significará sofrer, amar, lutar,  
quando as nossas misérias e tormentos  
não forem mais do que pegadas fósseis?

Que palavras há-de o poeta reservar  
para o coração de plástico dos homens que  
[hão-de vir?

Que santo e senha entenderão  
Que de nós restará neles?

Que parecenças terão com estes hominídeos  
que amaram a Natureza porque lhes era hostil  
e suportaram o próximo porque não eram  
[livres?

Que verbo deverá ficar gravado na pedra que o  
[vento não corroa,  
que lhes fale dos humilhados e dos ofendidos,  
dos sonhadores e dos impotentes,  
dos ansiosos, dos bêbados e dos ladrões,  
desta ridícula, miserável e corrupta

[humanidade  
que instala os arraiais da morte alegremente  
num campo que foi verde e que não volta a sê-  
[lo?

Amor?  
Como será amor em língua cibernética?

## LÁGRIMA DE PRETA

Encontrei uma preta  
que estava a chorar,  
pedi-lhe uma lágrima  
para analisar.

Recolhi a lágrima  
com todo o cuidado  
num tubo de ensaio  
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,  
do outro e de frente:  
tinha um ar de gota  
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,  
as bases e os sais,  
as drogas usadas  
em casos que tais.

Ensaiei a frio,  
experimentei ao lume,  
de todas as vezes  
deu-me o que é costume:

nem sinais de negro  
nem vestígios de ódio.  
Água (quase tudo)  
e cloreto de sódio.

\*\*\*

## POEMA DO ALQUIMISTA

Ao lume dos teus olhos  
pus-me a aquecer esta mistela de neve e sol nascente  
como o alquimista de Dusseldorf  
que punha ao lume a retorta de grés de longo colo  
e nela aquecia sangue de drago (2 onças),  
tártaro emético (5 dracmas),  
enxúndia de víbora (12 a 15 gotas),  
manteiga de antimónio,  
corno de cervo,  
espírito ardente de Saturno (meia onça de cada),  
e ficava esquecido na solidão da sua toca,  
o gorro de pêlo enterrado até às orelhas,  
aceso o rosto pelo forno de revérbero.  
Cá fora os homenzinhos de Bruegel,  
com os nédios traseiros voltados para o espectador,  
as bragas vermelhas a estalarem nas costuras,  
ceifavam o trigo na pradaria verde.  
O alquimista de Dusseldorf  
buscava o segredo da pedra escondida nas entranhas da terra,  
o alcaest, o dissolvente universal,  
o elixir da saúde perdida,  
para que a sua vida nunca mais tivesse termo,  
nem as pálpebras de roxo se pintassem,  
nem de branco seus lábios.  
O alquimista de Dusseldorf  
procurava os arcanos, as tinturas, a quinta-essência das coisas,  
os sete degraus da obra sagrada  
que as leves pernas galgam na agitação dos nervos.  
Coitado do alquimista de Dusseldorf!  
Ele queria tudo, o raio do velho.

Queria acender o forno de revérbero com a brasa do seu rosto,  
transmutar a retorta de grés em sexo triunfante  
e o pêlo baço do gorro em penugem fofa e crespa.

Ísis! Ó Ísis!  
Ó Flor do lótus!  
Ó Garça esbelta rescendendo a mirra!

Olha bem para mim, Ísis, meu vaso de ébano.  
Incendeia-me com os teus olhos de carbúnculo.  
Queima-me com a labareda da tua língua.  
Atenta na minha modéstia, ó Ísis.  
Eu não sou o alquimista de Dusseldorf.  
Eu não quero tudo.  
Eu quero apenas,  
apenas transmutar esta chatice em flores.

\*\*\*

## POEMA DO CORAÇÃO

Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração,  
e também a Bondade,  
e a Sinceridade,  
e tudo, e tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração.  
Então poderia dizer-vos:  
"Meus amados irmãos,  
falo-vos do coração",  
ou então:  
"com o coração nas mãos".

Mas o meu coração é como o dos compêndios.  
Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)  
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).  
O sangue ao circular contrai-os e distende-os  
segundo a obrigação das leis dos movimentos.

Por vezes acontece  
ver-se um homem, sem querer, com os lábios apertados,  
e uma lâmina baça e agreste, que endurece  
a luz dos olhos em bisel cortados.  
Parece então que o coração estremece.  
Mas não.  
Sabe-se, e muito bem, com fundamento prático,  
que esse vento que sopra e ateia os incêndios,  
é coisa do simpático.  
Vem tudo nos compêndios.

Então, meninos!  
Vamos à lição!  
Em quantas partes se divide o coração?

\*\*\*

## MÃEZINHA

A terra de meu pai era pequena  
e os transportes difíceis.  
Não havia comboios, nem automóveis, nem aviões, nem mísseis.  
Corria branda a noite e a vida era serena.

Segundo informação, concreta e exacta,  
dos boletins oficiais,  
viviam lá na terra, a essa data,  
3023 mulheres, das quais  
45 por cento eram de tenra idade,  
chamando tenra idade  
à que vai do berço até à puberdade.  
28 por cento das restantes  
eram senhoras, daquelas senhoras que só havia dantes.  
Umas, viúvas, que nunca mais (oh! nunca mais!) tinham sequer sorrido  
desde o dia da morte do extremoso marido;  
outras, senhoras casadas, mães de filhos...  
(De resto, as senhoras casadas,  
pelas suas próprias condições,  
não têm que ser consideradas  
nestas considerações.)

Das outras, 10 por cento,  
eram meninas casadoiras, seriíssimas, discretas,  
mas que por temperamento,  
ou por outras razões mais ou menos secretas,  
não se inclinavam para o casamento.

Além destas meninas  
havia, salvo erro, 32,  
que à meiga luz das horas vespertinas  
se punham a bordar por detrás das cortinas  
espreitando, de revés, quem passava nas ruas.

Dessas havia 9 que moravam  
em prédios baixos como então havia,  
um aqui, outro além, mas que todos ficavam  
no troço habitual que o meu pai percorria,  
tranquilamente no maio sossego, às horas em  
que entrava e saía do emprego.

Dessas 9 excelentes raparigas  
uma fugiu com o criado da lavoura;  
5 morreram novas, de bexigas;  
outra, que veio a ser grande senhora,  
teve as suas fraquezas mas casou-se  
e foi condessa por real mercê;  
outra suicidou-se  
não se sabe porquê.

A que sobeja  
chama-se Rosinha.  
Foi essa que o meu pai levou à igreja.  
Foi a minha mãezinha.

## POEMA PARA GALILEO

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,  
aquele teu retrato que toda a gente conhece,  
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce  
sobre um modesto cabeção de pano.  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha Florença.  
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.  
Disse Galeria dos Ofícios.)  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada Florença.  
Lembras-te? A Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza della Signoria...

Eu sei... Eu sei...  
As margens doces do Arno às horas pardas da melancolia.  
Ai que saudade, Galileo Galilei!

Olha. Sabes? Lá em Florença  
está guardado um dedo da tua mão direita num relicário.  
Palavra de honra que está!  
As voltas que o mundo dá!  
Se calhar até há gente que pensa  
que entraste no calendário.

Eu queria agradecer-te, Galileo,  
a inteligência das coisas que me deste.  
Eu,  
e quantos milhões de homens como eu  
a quem tu esclareceste,  
ia jurar – que disparate, Galileo!  
– e jurava a pés juntos e apostava a cabeça  
sem a menor hesitação –  
que os corpos caem tanto mais depressa  
quanto mais pesados são.  
Pois não é evidente, Galileo?  
Quem acredita que um penedo caia  
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.

Estava agora a lembrar-me, Galileo,  
daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo  
e tinhas à tua frente  
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de capelo  
a olharem-te severamente.  
Estavam todos a ralhar contigo,  
que parecia impossível que um homem da tua idade  
e da tua condição,  
se tivesse tornado num perigo  
para a Humanidade  
e para a Civilização.  
Tu, embaraçado e comprometido, em silêncio mordiscavas os lábios,  
e percorrias, cheio de piedade,  
os rostos impenetráveis daquela fila de sábios.

Teus olhos habituados à observação dos satélites e das estrelas,  
desceram lá das suas alturas  
e poisaram, como aves aturdidas – parece-me que estou a vê-las –,  
nas faces grávidas daquelas reverendíssimas criaturas.  
E tu foste dizendo a tudo que sim, que sim senhor, que era tudo tal qual  
conforme suas eminências desejavam,  
e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal  
e que os astros bailavam e entoavam  
à meia-noite louvores à harmonia universal.  
E juraste que nunca mais repetirias  
nem a ti mesmo, na própria intimidade do teu pensamento, livre e calma,  
aquelas abomináveis heresias  
que ensinavas e escrevias  
para eterna perdição da tua alma.

Ai Galileo!

Mal sabiam os teus doutos juízes, grandes senhores deste pequeno mundo,  
que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,  
andavam a correr e a rolar pelos espaços  
à razão de trinta quilómetros por segundo.

Tu é que sabias, Galileo Galilei.

Por isso eram teus olhos misericordiosos,  
por isso era teu coração cheio de piedade,  
piedade pelos homens que não precisam de sofrer, homens ditosos  
a quem Deus dispensou de buscar a verdade.

Por isso estoicamente, mansamente,  
resististe a todas as torturas,  
a todas as angústias, a todos os contratempos,  
enquanto eles, do alto inacessível das suas alturas,  
foram caindo,  
caindo,  
caindo,  
caindo sempre,  
e sempre,  
ininterruptamente,  
na razão directa do quadrado dos tempos.

\*\*\*

### **LIÇÃO SOBRE A ÁGUA**

Este líquido é água.

Quando pura

é inodora, insípida e incolor.

Reduzida a vapor,

sob tensão e a alta temperatura,

move os êmbolos das máquinas que, por isso,  
se denominam máquinas de vapor.

É um bom dissolvente.

Embora com excepções mas de um modo geral,  
dissolve tudo bem, bases e sais.

Congela a zero graus centesimais

e ferve a 100, quando à pressão normal.

Foi neste líquido que numa noite cálida de Verão,  
sob um luar gomoso e branco de camélia,  
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia  
com um nenúfar na mão.

## ODE METÁLICA

Com aparências de brisa  
um vento de tempestade  
algures se individualiza:  
larga a semente precisa  
e esvai-se na eternidade.

Se vem do sul ou do norte,  
se vem do leste ou do oeste,  
não é cuidado que importe.  
É um vento, um vento forte  
que sopra no mundo agreste.

Abrem-se os lábios da Terra  
num cio desesperado,  
e a semente que se enterra  
desabrocha em flores de guerra  
e em flores de paz, lado a lado.

Irrompem do solo bruto  
as sequóias de cimento,  
maranha de ferro hirsuto  
como um esqueleto incorrupto  
coberto de pó cinzento.

Inflorescências de cobre  
de longos cabelos ruivos  
que o fogo do Sol descobre;  
como folha que se dobre  
soltam metálicos uivos

Carpelos e estames de aço,  
de longas, brunidas hastes,  
articulam-se em abraço.  
Rasgam os ventos e o espaço  
escavadoras e guindastes.

Densas corolas macias,  
enormes como turbinas,  
mudam as noites em dias,  
sobre as garupas esguias  
de mil cavalos sem crinas.

Num impulso rectilíneo  
jorram línguas de petróleo  
como um tecido sanguíneo.  
Em pistilos de alumínio  
gotejam lágrimas de óleo.

Bailemos, homens, bailemos.  
Com festões engrinaldemos  
as mãos que forjam metais.  
Nossos troncos reluzentes  
à luz dos fornos candentes  
como bronzes triunfais.  
Bailemos, homens, bailemos.  
E a plenos pulmões gritemos  
a sinfonia estridente  
das bigornas do ferreiros,  
das chapas dos caldeiros,  
das limas dos limadores,  
dos maços dos batedores,  
das serras dos serralheiros,  
das tenazes dos fogueiros,  
das correias dos motores,  
das brocas dos brocadores,  
dos cadinhos dos forneiros,  
das pinças dos caldeadores,  
todos, à uma, bailemos,  
frenéticos tangedores,  
troncos nus e reluzentes  
à luz dos fornos candentes,  
orquídeas de furta-cores,  
rubros vermelhos e brancos,  
bailemos todos, bailemos  
como doidos saltimbancos,  
bailemos e entoemos,  
a plenos pulmões berremos  
sinfonias estridentes,  
chispemos, esparrinhemos  
centelhas incandescentes,  
e em girândola elevemos  
nossos rostos como tochas,  
nossos braços como asas,  
filhos da escória e das rochas,  
irmãos do fogo e das brasas.

## Calçada de Carriche

Luísa sobe,  
sobe a calçada,  
sobe e não pode  
que vai cansada.  
Sobe, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe  
sobe a calçada.

Saiu de casa  
de madrugada;  
regressa a casa  
é já noite fechada.  
Na mão grosseira,  
de pele queimada,  
leva a lancheira  
desengonçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.

Luísa é nova,  
desenxovalhada,  
tem perna gorda,  
bem torneada.  
Ferve-lhe o sangue  
de afogueada;  
saltam-lhe os peitos  
na caminhada.  
Anda, Luísa.  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.

Passam magalas,  
rapaziada,  
palpam-lhe as coxas,  
não dá por nada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.

Chegou a casa  
não disse nada.  
Pegou na filha,  
deu-lhe a mamada;  
bebeu da sopa  
numa golada;  
lavou a loiça,  
varreu a escada;  
deu jeito à casa  
desarranjada;  
coseu a roupa  
já remendada;  
despiu-se à pressa,  
desinteressada;  
caiu na cama  
de uma assentada;  
chegou o homem,  
viu-a deitada;  
serviu-se dela,  
não deu por nada.  
Anda, Luísa.  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.

Na manhã débil,  
sem alvorada,  
salta da cama,  
desembestada;  
puxa da filha,  
dá-lhe a mamada;  
veste-se à pressa,  
desengonçada;  
anda, ciranda,  
desaustinada;  
range o soalho  
a cada passada;  
salta para a rua,  
corre açodada,  
galga o passeio,  
desce a calçada,  
desce a calçada,

chega à oficina  
à hora marcada,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga;  
toca a sineta  
na hora aprazada,  
corre à cantina,  
volta à toada,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga.  
Regressa a casa  
é já noite fechada.  
Luísa arqueja  
pela calçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.

## POEMA DO GATO

Quem há-de abrir a porta ao gato  
quando eu morrer?

Sempre que pode  
foge prá rua,  
cheira o passeio  
e volta pra trás,  
mas ao defrontar-se com a porta fechada  
(pobre do gato!)  
mia com raiva  
desesperada.  
Deixo-o sofrer  
que o sofrimento tem sua paga,  
e ele bem sabe.

Quando abro a porta corre pra mim  
como acontece a mulher aos braços do amante.  
Pego-lhe ao colo e acaricio-o  
num gesto lento,  
vagarosamente,  
do alto da cabeça até ao fim da cauda.  
Ele olha-me e sorri, com os bigodes eróticos,  
olhos semi-cerrados, em êxtase,  
ronronando.

Repito a festa,  
vagarosamente.  
do alto da cabeça até ao fim da cauda.  
Ele aperta as maxilas,  
cerra os olhos,  
abre as narinas.  
e rosna.  
Rosna, deliquesciente,  
abraça-me  
e adormece.

Eu não tenho gato, mas se o tivesse  
quem lhe abriria a porta quando eu morresse?